Revista Psicologia e Transdisciplinaridade
Copyright © 2022. Associação dos Psicólogos da Região do Bolsão-MS
ISSN – 2764-4529

Atrelando Amores: Dialogando o conceito de Amor em D. W. Winnicott e bell hooks

Harnessing Loves: Streamlining the concept of Love in D. W. Winnicott and bell hooks

Uniendo Amores: dialogando o conceito de Amor em D. W. Winnicott e bell hooks

Gabriel Barth da SILVA[1]

Resumo: O presente trabalho busca, a partir de uma ótica transdisciplinar de contato entre a Psicologia e a Educação, estabelecer um contato entre as conceitualizações em torno do termo amor entre o psicanalista Donald W. Winnicott e a educadora bell hooks para estabelecer uma ponte entre suas perspectivas: uma concepção de formação do sujeito a partir dos modos de vinculações afetivos parentais e um olhar do amor enquanto instrumento ativo emancipatório e crítico para transformação da realidade. O contato entre ambos os campos torna-se necessário para compreender os sujeitos cotidianos da sociedade contemporânea junto de seu potencial de transformação, centralizando no termo amor, conceito corriqueiro com grande potencial, para demonstrar a emergência dos contatos transdisciplinares para transformação da realidade. Busca-se, portanto, fomentar os debates que aproximem as formulações teóricas na Psicanálise, na Psicologia e na Educação para promover novas ferramentas de trabalho da realidade para ambos os campos do conhecimento.
Palavras-chave: Amor; Transdisciplinaridade; Emancipação; Identidade; Teoria crítica.

Abstract: The present work seeks, from a transdisciplinary perspective of contact between Psychology and Education, to establish a contact between the conceptualizations around the term love between the psychoanalyst Donald W. Winnicott and the educator bell hooks to establish a bridge between their perspectives: a conception of the formation of the subject from the modes of parental affective bonds and a look at love as an emancipatory and critical active instrument for the transformation of reality. The contact between both fields becomes necessary to understand the everyday subjects of contemporary society along with their potential for transformation, centering on the term love, a commonplace concept with great potential, to demonstrate the emergence of transdisciplinary contacts for the transformation of reality. Therefore, we seek to encourage debates that bring together theoretical formulations in Psychoanalysis, in Psychology and Education to promote new tools for working with reality for both fields of knowledge.
Keywords: Love; transdisciplinarity; Emancipation; Identity; Critical theory.

Resumen: El presente trabajo busca, desde una perspectiva transdisciplinar de contacto entre la Psicología y la Educación, establecer un contacto entre las conceptualizaciones en torno al término amor entre el psicoanalista Donald W. Winnicott y la educadora bell hooks para establecer un puente entre sus perspectivas: una concepción de la formación del sujeto desde los modos de vínculo afectivo parental y una mirada al amor como instrumento activo emancipador y crítico para la transformación de la realidad. El contacto entre ambos campos se hace necesario para comprender los sujetos cotidianos de la sociedad contemporánea y su potencial de transformación, centrándose en el término amor, un concepto lugar común con gran potencial, para evidenciar el surgimiento de contactos transdisciplinarios para la transformación de la realidad. Por ello, buscamos incentivar debates que reúnan formulaciones teóricas en Psicoanálisis, Psicología y Educación para promover nuevas herramientas de trabajo con la realidad para ambos campos del saber.
Palabras llave: Amor; transdisciplinariedad; Emancipación; Identidad; Teoría crítica.

[1] Mestre em Sociologia pela Universidade do Porto (Portugal), Bacharel em Psicologia pela PUC-PR; Universidade do Porto; e-mail: gabrielbarths@gmail.com; ORCID: https://orcid.org/0000-0001-6893-211X

Copyright © 2022. Associação dos Psicólogos da Região do Bolsão-MS
ISSN – 2764-4529

Introdução

O presente trabalho, partindo da produção teórica de Donald D. Winnicott (1986, 2018, 2020) e de bell hooks (2001, 2013) busca debater como o fenômeno e o ato de amor se manifestam na produção teórica de ambos os autores, com seus pontos comuns e suas divergências, para compreender como seus contatos permitem estabelecer uma relação transdisciplinar entre a Psicologia e a Educação para aprofundar o olhar de como esse conceito pode ser instrumentalizado na realidade em suas diferentes áreas do conhecimento. Considerando autores que partem de bases epistemológicas diferentes, sendo o primeiro da psicanálise e a segunda dos estudos de gênero e de negritude, busca-se propor um diálogo que contemple também autores que referenciam e debatem como esses teóricos conceitualizam o ato de amar em seus respectivos campos, dispondo de óticas complementares para análise e trabalho da realidade em suas diversas áreas de atuação.

O contato permite explorar uma dimensão central que fundamental no trabalho tanto enquanto psicólogo quanto educador, considerando seu caráter inerente de intervenção interpessoal: a de contato afetivo. Portanto, investigar os potenciais de articulação em torno do conceito amor revela um grande potencial para ambas as áreas do conhecimento, já que o termo reveste diversas experiências que os sujeitos atribuem valor no decorrer de suas trajetórias de vida, além de mobilizar para a transformação da realidade por exatamente dizer respeito sobre algo que afeta diretamente o indivíduo em sua esfera pessoal. Seja no caso de Winnicott (1986, 2018, 2020a, 2020b, 2022) que estabelece seu conceito de amor a partir da dinâmica mãe-bebê, e da relevância desse cuidado para compreender os estágios de amadurecimento e de potencialidade do sujeito para responder sobre as demandas de sua vida, seja na infância ou na vida adulta, ou no caso de hooks (2001, 2013) que reitera a importância do amor enquanto um ato ativo, um posicionamento do sujeito em relação sua própria vida e seus contatos interpessoais em sua comunidade para permitir a transformação, demonstram-se diversas pontes e pontos de intersecção possíveis de serem pensados no diálogo entre os autores para elaborar um olhar crítico e complexificado em torno da vivência do afeto no cotidiano.

Seja para analisar a realidade, a partir de como as redes de afeto do sujeito foram constituídas no decorrer de sua história de vida, gerando seus sentidos contemporâneos, ou sobre exatamente mobilizar o indivíduo para responsabilização e transformação da sua realidade social partindo de um conceito que, além de acessível, relaciona de forma profunda com experiências relevantes passadas. Pensar sobre os potenciais de articular os vários sentidos

que atravessam o sentido do ato de amor torna-se central nos debates das ciências humanas no geral, principalmente nos campos dispostos no presente trabalho.

Metodologicamente, é proposta uma revisão narrativa sobre a proposta conceitual e teórica da produção científica de Donald Woods Winnicott sobre o cuidar e sua correlação direta com o ato de amar em seus próprios termos, compreendendo sua dinâmica com o desenvolvimento do sujeito ao longo da sua vida, junto da produção de bell hooks sobre o amor, conceito central em sua percepção sobre a prática pedagógica e de construção de uma comunidade horizontal possível, em seu caso deliberadamente se apropriando e instrumentalizando a própria palavra amor. A revisão narrativa se dá pela leitura de textos centrais de ambos os autores, sendo complementada por estudos que também se apropriam dessas noções de ambos os autores para perceber como esses conceitos podem ser encontrados na produção científica das áreas da Psicanálise, da Psicologia e da Educação. Por fim, também é complementada na revisão narrativa uma pesquisa sobre as possíveis articulações desses campos do conhecimento já previamente realizadas, para então observar novos olhares possíveis que advém das dinâmicas próprias desse contato entre os autores propostos no presente estudo.

Após a revisão narrativa foi estabelecido um diálogo que funda-se na conceitualização de amor para Winnicott e hooks, com suas próprias características e qualidades, para então articular suas bases em possíveis apropriações de ambos os campos do conhecimento no cotidiano dos profissionais de diversas concentrações. Isso torna-se possível pois é analisado como os conceitos não se contrapõem ou contradizem-se em suas propostas individuais, sendo na verdade complementares ao observar suas qualidades específicas e seus potenciais instrumentais de trabalho na realidade cotidiana. Pensa-se, portanto, não enquanto esferas de conhecimento irreconciliáveis, separadas em suas esferas próprias, mas enquanto campos que podem e devem ser pensados em conjuntos pois, enquanto sujeito, a pessoa vive ou pode viver ambas as formas de amor no seu dia-a-dia, sendo exatamente relevante pensar como articular essas características humanas nos contextos em que emergem.

Busca-se, em um olhar transdisciplinar, perceber como o objeto de investigação do ato de amar revela-se continuamente multifacetado, não necessitando abrir mão de seu caráter afetivo ou crítico para trabalho com a realidade, independente do contexto em que sua instrumentalização é proposta. Espera-se, ao final do presente trabalho, contribuir para uma contínua aproximação, com suas transposições e sobreposições de conhecimentos, entre os campos da Psicologia, nomeadamente no caso da psicoterapia, com o da Educação, concebendo a formação de sujeitos enquanto um processo de olhar emancipatório e complexo da realidade,

Copyright © 2022. Associação dos Psicólogos da Região do Bolsão-MS
ISSN – 2764-4529

que se realiza com diversos campos e áreas do conhecimento se constituindo e atuando simultaneamente, evitando concepções positivistas de separações de sentimentos e atos que constituem sujeitos biopsicossociais.

O amor em Winnicott

Donald Woods Winnicott foi um pediatra e psicanalista inglês, que dedicou sua atuação e produção teórica em torno da formulação de teorias que dedicavam-se em explorar como as primeiras experiências da pessoa, centrando principalmente nos contatos propiciados a partir da dinâmica bebê-mãe, são centrais para compreender o processo de desenvolvimento identitário e do aparelho psíquico da pessoa como um todo ao longo de sua vida. Sua produção é de imensa relevância para estruturar um trabalho psicanalítico com crianças ou adultos, pois percebe a importância de criar um ambiente de confiabilidade no qual o indivíduo possa experienciar alguns processos que não foram possíveis em sua infância no seu ambiente familiar (WINNICOTT, 2020b).

Pensar o amor na teoria de Donald W. Winnicott está intrinsicamente relacionado a considerá-lo enquanto elemento central na constituição do sujeito a partir de seu contexto familiar, nomeadamente em torno da relação das mães com os bebês, primeiro contato do sujeito com uma figura de afeto e que, com suas particularidades, além de apresentar o mundo para o sujeito em seus primeiros anos também auxilia no desenvolvimento de seu repertório de atuações no decorrer de sua vida caso vivencie um ambiente envolto de amor que torna capaz, a partir de seus próprios atos e reflexos dos atos, aprender novas possibilidades de atuar em diversas situações corriqueiras (WINNICOTT, 2022). Winnicott (2018) enfatiza centralmente como o tornar-se humano se dá a partir de relações afetivas, em que o desenvolvimento infantil estrutura-se partindo do termo “segurar” [*holding*], que ressalta como, de acordo como o bebê se relaciona com a figura maternal, em suas sutilezas cotidianas, há a contribuição “para o estabelecimento da capacidade do bebê de sentir-se real. Com essa capacidade, o bebê consegue encarar o mundo” (WINNICOTT, 2020a, p. 22). O amor revela-se, portanto, na capacidade de criar um ambiente facilitador para o sujeito alcançar suas primeiras conquistas, integrando “todas as pequenas e singelas atividades e sensações que contribuem para formar o que reconheceremos como um bebê específico” (WINNICOTT, 2020a, p. 25), nos quais ele torna-se uma unidade.

Para Winnicott (2022), há diversos graus de dependência no que diz respeito ao desenvolvimento do sujeito. Em um primeiro momento, a dependência é absoluta, na qual o

bebê não sequer consegue conceber-se enquanto indivíduo, sendo exatamente a partir do processo de transição para dependência relativa, em que começa a desenvolver um ego, que torna-se possível chegar a independência futura. Esses processos são possíveis a partir dos processos de amadurecimento e da existência de um ambiente facilitador, que permite ao bebê e a criança descobrirem a si mesmas e ao mundo de forma espontânea, desenvolvendo suas próprias ferramentas a partir de seus próprios atos, que são assegurados por uma figura de afeto suficientemente boa.

Winnicott (2020b) também elabora como a relação do sujeito com o mundo, caso haja um ambiente suficientemente bom, necessariamente é realizado a partir da instrumentalização de objetos externos que ele acredita criar, sendo assegurado por seu ambiente de sua capacidade de criar a realidade a partir desse ato de pensar criar o mundo. O objeto que o bebê acreditar criar, portanto, deixa de ser exclusivamente externo ou interno, mas torna-se um instrumento intermediário entre sua realidade psíquica e o mundo externo, mantendo-as inter-relacionadas. Nomeando-o como objeto transicional, Winnicott ressalta como esse objeto atua internamente a partir da dependência, vivacidade e comportamento do objeto externo, não estando sobre um controle mágico como o objeto interno, composto de conteúdos inconscientes, nem é completamente externo e fora do controle como seus familiares, permitindo exatamente elaborar, a partir da relação objetal, formas de entrar em contato com as figuras de afeto que não são possíveis na vida cotidiana. É ressaltado pelo psicanalista como esse objeto, na vida adulta, por não se resumir apenas a um objeto em si, mas a um modo de se relacionar com objetos de forma transicional nessa terceira instância entre o interno e o externo, é geralmente vivenciado e realizado a partir da experiência cultural, com suas próprias qualidades dependendo da internalização desse modo de vivência criado na primeira infância.

Para a realização e a vivência do objeto transicional, Winnicott (2020b) ressalta a importância de haver um ambiente suficientemente bom e de confiabilidade no qual os pais reconhecem e validam a relação objetal da criança, percebendo o valor que ela dá a esse objeto e sustentando a dinâmica própria desenvolvida pela pessoa. Portanto, o amor, além de ser possível de perceber no segurar e nas relações corpóreas da figura de afeto com o bebê, também atua na segurança do indivíduo explorar e significar o mundo em suas relações objetais, na qual o objeto transicional permite o desenvolvimento de ferramentas criativas na vivência do mundo, permitindo, na vida adulta, a recuperação desses instrumentos e formas de relacionar para a criação de novas formas criativas de estar e relacionar-se consigo mesmo e com os outros.

Defendendo o uso da imagem de uma figura paterna “suficientemente boa”, Winnicott (1986) reitera como o ato de afeto com o sujeito na primeira infância, de deslocamento dos

Copyright © 2022. Associação dos Psicólogos da Região do Bolsão-MS
ISSN – 2764-4529

desejos egocêntricos em direcionamento ao sujeito em formação inicial, é essencial para compreender as formas de acolhimento e atitudes parentais que proporcionem uma melhor percepção das características que constituem o indivíduo. Debatendo essa proposta de Winnicott, Adams (2006) ressalta como perceber os atos de amor na constituição de um *self* autêntico, percebido enquanto um modo de ser criativo para as demandas apresentadas no cotidiano, com maior consciência dos fenômenos e fatores que atravessam sua realidade psíquica para um melhor trabalho com seus conteúdos no dia-a-dia.

Essa perspectiva de criatividade de Winnicott pode ser aprofundada pelo estudo de Lejarraga (2003), que ressalta como a criatividade primária experienciada pelo bebê, que possui a ilusão que a realidade externa corresponde a sua própria capacidade de criar, que é sustentada pela mãe em seus cuidados durante o estágio de dependência absoluta. Nesse momento, a autora ressalta como o psicanalista percebe o fenômeno de que o bebê sobrepõe o que é "objetivamente percebido" e o que é "subjetivamente concebido", realizando que o ato de amor paterno permita ao bebê "afirmar seu impulso interno criativo e acreditar na realidade externa, condições para a renúncia gradual posterior a essa onipotência infantil" (2003, p. 44). Também é a partir do amor que, ao sustentar o impulso interno inicial do bebê agressivo no estágio da não integração, ao não sentir-se responsável pelas suas ações nem perceber o que é atacado ou amado, que desenvolve-se seu verdadeiro *self*, ao perceber que a figura paterna, em um ato de amor, permite a possibilidade de expressão na relação com o outro, que é objetivada e externalizada, em que o sujeito, em sua constituição, pode percebê-lo e vivenciá-lo no decorrer de sua formação, na qual sente-se "real e criativo" (2003, p.45).

Essa agressividade do bebê no olhar winnicottiano, portanto, como demonstra Dias (2000), não é percebida como revestida de amor ou de ódio:

> Amar e odiar são conquistas do amadurecimento que têm pré-requisitos. Se o indivíduo não se constituir como um EU, se ele não puder proceder à criação da externalidade pela destruição sem raiva, *no anger*, dos objetos subjetivos e não puder usar objetos que são independentes e externos ao si-mesmo, ele não poderá usar esses objetos para o amor, na genitalidade, por exemplo, nem poderá odiá-los. O ódio, diz Winnicott, é uma conquista da civilização (DIAS, 2000, p. 13).

O sustentar então esses impulsos enquanto figura parental e manejá-los a partir de atos de amor torna-se necessário para a possibilidade do bebê constituir-se pessoa, com suas diferenciações de objetos e sua própria relação com eles. Barbieri, Ujikawa & Mishima (2011), em análises de casos de encoprese, sintoma caracterizado pela exoneração intestinal em locais inadequados, percebem como esse ato está normalmente vinculado com a ambivalência da criança frente aos pais, gerada a partir da falha na formação simbólica do sujeito, em que o

próprio brincar, espaço criativo e simbólico por excelência das crianças, demonstrava-se enrijecido e pouco criativo, resultado de um ambiente que, além de não acolher suas necessidades, dificultava os mecanismos de integração de sentimentos de amor e ódio.

Sendo aprofundado por Mecalfe e Game (2008), o conceito espaço potencial também é de imensa importância para compreender o ato de amor na teoria winnicottiana pois, como previamente apresentado, ele constitui exatamente o local de experiência da vida de forma criativa, se desprendendo do tempo cronológico para valorizar a formalização de experiências que marcam os sujeitos, como nos momentos de interação de figura parental com o bebê. No espaço que o segurar o indivíduo em seus estágios iniciais se realiza permite uma exploração do potencial, sendo que o ato de amor permite a realização da capacidade criativa e afetiva sem barreiras. Porém, por constituir um campo tão sensível e impactante na formação do sujeito em suas diversas instâncias e formas, Guillén e Dupuis-Gauthier (2012) exploram como, em um estudo de caso, a relação do bebê com a mãe pode ter se realizado de forma insegura, resultado em fantasias de ansiedade que seguem para a vida adulta do sujeito, surgindo de diversas formas durante as consultas em psicoterapia.

Portanto, apesar de até o momento ter se comprometido com o enfoque em demonstrar as potencialidades positivas de um apego seguro com figuras paternas suficientemente boas de acordo com a perspectiva de Donald W. Winnicott, reitera-se como também a outra faceta desse fenômeno é o desenvolvimento de ferramentas inadequadas de adaptação psicossocial, apresentando um sujeito desprovido de criatividade de interpretação e intervenção em seu contexto cotidiano. A responsabilização sobre o trabalho com o amor e o afeto com bebês e crianças demonstra-se central para a realização de um sujeito capaz de trabalhar plenamente com as demandas da realidade, demonstrando adaptabilidade e um maior repertório de resposta para situações complexas no decorrer de sua vida adulta.

Pensar o amor na perspectiva de Winnicott é refletir a partir da relação estabelecida do sujeito com suas figuras parentais, em que as condições ambientais são essenciais para um desenvolvimento criativo do sujeito em seus modos de ser e agir no mundo. A realização de um apego seguro, recuperando o *holding* previamente citado, permite o estabelecimento de um espaço potencial para o desenvolvimento de suas habilidades, integrando-o na realidade social comum em uma via segura e afetuosa. Partindo dessa reflexão, será pensado como o amor pode ser considerado a partir de uma ótica emancipatória pela Educação, na produção de bell hooks, para então ser realizado um diálogo entre ambas as formas de vivenciar e instrumentalizar esse conceito no trabalho interpessoal cotidiano.

Copyright © 2022. Associação dos Psicólogos da Região do Bolsão-MS
ISSN – 2764-4529

bell hooks e o amor: tornar-se verbo

Gloria Jean Watkins, que possui o pseudônimo de bell hooks, é uma teórica ativista feminista e antiracista, que possui uma grande produção teórica acerca de tópicos descoloniais atrelados com sua experiência enquanto docente. Nesses escritos, o conceito amor é central na sua forma de atuação e transformação da realidade. Hooks (2001) apresenta sua proposta, inicialmente, questionando o uso do conceito amor enquanto substantivo ou adjetivo em seu uso linguístico cotidiano, apontando para a necessidade de conceber ele enquanto verbo, já que ele ocorre em um processo interativo com um outro sujeito. Nessa prática de amor, portanto, por ser um conceito que requer uma ação positiva frente a algo, a autora ressalta como ele é essencial para atuar contra abusos ou negligencias, sendo ambos incompatíveis com um ato de amar que se propõe na sua realização enquanto pessoa que, necessariamente, deve buscar a emancipação de seus pares.

Nessa realidade, hooks (2001) percebe como uma relação honesta consigo mesmo e com o par é inerente à atitude de amor, pois ela deve anular diretamente abusos de poder, de dominação e de manipulação, que muitas vezes são introjetados em sujeitos que advém de uma realidade marcada por estruturas sexistas e patriarcais, se contrapondo sobre essa contradição da realidade do falar de amor sem, necessariamente, trata-lo enquanto uma ação crítica e emancipatória. Qualquer desenvolvimento afetivo efetivo, portanto, deve estar alinhado com um olhar crítico sobre as condições nas quais as relações interpessoais estão estabelecidas, se tornando necessário para amar, por exemplo, refletir sobre as facetas capitalistas que atravessam as desigualdades nas relações entre sujeitos, impedindo uma realização de ato de amor pleno.

É necessário nesse processo, para qualquer prática de amor, alinhar com uma prática de liberdade dos sujeitos que compartilham a mesma estrutura social, como defende hooks (2001), sendo inerente um olhar descolonial em um ato de amor. Esse ato se reflete nas salas de aula, como demonstra hooks (2013), em que uma educação não pode ser neutra, já que deve-se contemplar um ato de afeto perante os estudantes, contextualizando a realidade em que a sala de aula está inserida na estrutura social.

Glass (2009) explicita como a ética de amor de hooks rompe necessariamente com as barreiras do individualismo, além de questionar a premissa de amar ser algo instintivo, devendo ser pensado historicamente e contextualmente. Seja repensando os traumas do supremacismo branco historicamente em suas feridas psíquicas em pessoas negras, na introjeção de características negativas na identidade de sujeitos subalternos, fenômeno que pode ser relacionado com a dinâmica explorada por Elias & Scotson (2000), em que sujeitos que estão

em uma posição de poder estrutural há mais tempo em um contexto social acabam por desenvolver mecanismos de manutenção de sua posição perante um grupo subalterno que compartilha seu espaço, sendo um de seus mecanismos possíveis exatamente a introjeção psíquica do pensamento de que sua existência e sua condição denota menor valor em comparação ao grupo que está em uma situação de poder hegemônica, gerando sofrimento para a camada que se encontra em sua condição desigual e subalterna. O amor abordado por hooks defende observar essas contingências estruturais e históricas para a afirmação de uma identidade própria positiva ativa, como Fanon (2020) debate acerca da reinvindicação da identidade negra positiva para tornar-se pessoa, já que em um momento é socializado enquanto sujeito que representa os defeitos negados por uma identidade branca, necessitando em um primeiro momento reivindicar essa possibilidade de positividade na negritude para, enfim, apenas tornar-se um ser humano possível em um resgate de si, sendo essa atitude traduzida em atos materializados na realidade descoloniais. Deve-se nessa ótica atuar de forma significativa sobre a realidade social, não sendo apenas um elemento intrapsíquico.

Monahan (2011) lembra como participar de forma a gerar uma manutenção no *status quo* de dominação e opressão estrutural é inerentemente um ato anti-amor na perspectiva de bell hooks, em que a opressão não ocorre apenas em um nível processual institucional, mas também nas formas de contato interpessoal que os sujeitos dinamizam no seu cotidiano em seus diálogos e atitudes significativas. Radina (2022) irá perceber essa forma de atitude enquanto um amor radical que gera um caminho para uma esperança crítica, em que não apenas são percebidas as condições contemporâneas nas quais os sujeitos são atravessados no dia-a-dia, mas também sobre as possibilidades de transformação a partir da coletivização de atitudes emancipatórias, necessitando coragem e vulnerabilidade para reconhecimento dos espinhos que inerentemente constituem dinâmicas constituídas em sociedades que estabelecem-se em heranças coloniais. Desloca-se a prática do amor de uma relação íntima individual entre dois sujeitos em prol de uma lógica, como apresentada por Godden (2017), que defende um olhar global e ativista, responsabilizando-se sobre sua própria experiência e atitude perante a realidade.

É ressaltado por Zacarias (2021) como um contato do conceito de amor de bell hooks é propiciado na realidade brasileira a partir de um diálogo com a produção de Lélia Gonzalez. Nesse processo, a pesquisadora ressalta a necessidade de contemplar as representações nessa dinâmica de amor, apresentando como compreender o amor deve ser também compreendê-lo em uma dinâmica estrutural, em diferenças de significações e vivências nesse ato que decorrem a partir, por exemplo, de uma diferença racial, com diferentes laços políticos, e de como, ao

Copyright © 2022. Associação dos Psicólogos da Região do Bolsão-MS
ISSN – 2764-4529

contemplar essa diferença, ele pode ser apropriado para realizar uma ampliação do vocabulário político da teoria crítica dos direitos humanos.

É ressaltado por Dos Santos (2020) como surge a necessidade, portanto, de pensar os atos de amor enquanto defesa de direitos universais, sem depender de um momento de vida pré-determinado, e sendo possível em qualquer instância e em qualquer temporalidade em que o sujeito está inserido. Pensa-se, portanto, em um panorama de amar enquanto uma proposta ativa que é possível a qualquer momento, partindo da necessidade primordial de consciência da sua condição enquanto sujeito em sua estrutura social e de sua necessidade de transformação, sendo a via do afeto uma possibilidade e uma necessidade nesse procedimento, independente da trajetória de vida do indivíduo.

Transposições e sobreposições: o pensar transdisciplinar sobre o amor na realidade

Partindo dessas ambas concepções sobre o ato de amar, o presente trabalho percebe esses fenômenos em um olhar transdisciplinar, percebendo "dinâmica gerada pela ação de vários níveis de Realidade ao mesmo tempo" (NICOLESCU, 2018, p. 54). Essa proposta de olhar sobre as relações entre a Psicanálise, a Psicologia e a Educação, felizmente, não é uma novidade em investigações dessa natureza, seja pelo trabalho de Martinez & Ferreira (2021) da aproximação da produção teórica de Carl Gustav Jung na busca de alternativas epistêmico-metodológicas para ampliações de consciências em atividades educativas, ou no trabalho de Almeida & Géller (2018) sobre os desafios de psicólogos na inclusão social e educacional no Atendimento Educacional Especializado de Caarapó – MS, as relações das áreas são indeléveis, representando um campo de imenso interesse para investigação e intervenção.

No caso do presente trabalho, seja a nível de formação de dinâmicas psíquicas constituídas a partir dos contatos paternais, com suas microatividades de afeto que auxiliam a criar o mecanismo psíquico do sujeito de sua infância até a vida adulta, com suas ferramentas criativas e formas de vinculação afetiva, ou a partir da necessidade de intervenção na realidade que é atravessada por um passado desigual multifacetado, como demonstrado por Reygadas (2004), que afeta e cria inúmeras fontes de sofrimento físico e psíquico em grupos sociais por suas diversas razões materiais e históricas, o ato de amor demonstra-se como um tópico comum de imensa importância para compreender e intervir na realidade. Não sendo de razão apenas de gênero, de raça, de classe, de capital, ou ignorando as dinâmicas psíquicas que necessariamente as experiências de afeto paternal geram no sujeito a partir de seus contatos relevantes na sensibilidade da primeira infância, reivindicar um olhar transdisciplinar é defender um olhar

aterrado em uma realidade complexa e multifacetada, em que diversos fenômenos e elementos atravessam e constituem um sujeito, sem reduzi-lo em apenas um recorte de sua experiência material, simbólica e subjetiva que resulta de um episódio de sua vida.

Amar, mesmo em ambos os casos sendo percebidos como um ato, possui intenções e significações diversas, e em ambos os casos resultam em um caminho comum possível: a da necessidade de sua instrumentalização para a realização de sujeitos criativos para a resolução de conflitos e de questões no decorrer de sua vida. Essa criatividade não se restringe a um pensar exclusivamente de questões individuais, mas também de elementos estruturais que compõem a realidade do sujeito, e de como não se reduz a infância esse pensar sobre o ato de amar, mas no decorrer de uma vida, que possa olhar de forma crítica sobre a realidade e suas possíveis transformações. As transformações só podem se realizar em um contexto de confiança e de criatividade, como apresentado na teoria de Winnicott, mas que deve também estar atrelada a um olhar além do contexto individual do sujeito, como propõe hooks, pensando sobre o contexto maior em que o sujeito e sua família estão inseridos, com seus contatos e seus sintomas que decorrem de sua condição enquanto parte de uma estrutura social.

Essa reflexão só torna-se possível ao perceber o ato de amor enquanto uma atitude que se realiza na vida cotidiana, que é inerentemente transdisciplinar. Os fenômenos não ocorrem de forma isolada em suas respectivas áreas de conhecimento que são determinadas a partir de recortes acadêmicos, mas em contínuas sobreposições e transposições de vivências no dia-a-dia de sujeitos, com suas demandas materiais, questões estruturais, fenômenos individuais e dinâmicas internalizadas a partir de sua vivência em uma contínua rede de complexidades.

É exatamente nesse contexto e nesses aspectos que o presente trabalho busca apresentar um contato possível transdisciplinar perante o ato de amar enquanto instrumento de intervenção na Psicanálise, por Winnicott, na Psicologia pelas pesquisas previamente citadas e na Educação pela ótica de bell hooks. Como previamente demonstrado, defendido e estruturado por Winnicott e hooks, e pelos diversos pesquisadores que se debruçaram para investigar suas respectivas obras, é possível estabelecer uma ponte entre esses campos do conhecimento para buscar intervenções na realidade que se complementem e se beneficiem desse encontro em conceitos que possuem uma palavra comum, mas com sentidos diversos.

Seja uma compreensão estrutural na Psicanálise e na Psicologia, que complexifica os fenômenos investigados pelas dinâmicas observadas no consultório de psicoterapia pelo paciente, percebendo-o também enquanto sujeito que pertence, vivencia e se relaciona com uma estrutura social que o precede, ou compreendendo em ambientes de Educação as possíveis significações de modos de ser, de atuar e de responder sobre contingências nas salas de aula ou

Copyright © 2022. Associação dos Psicólogos da Região do Bolsão-MS
ISSN – 2764-4529

em contextos de educação formal, partindo das dinâmicas psíquicas geradas pelas primeiras experiências do indivíduo, pensar o amor é central para ambos os casos em sua potencialidade multifacetada. Em ambos os contextos os contributos de Winnicott e de hooks são indispensáveis, pois permitem analisar as condições que geraram as respostas que os indivíduos dispõem em relação aos seus contatos interpessoais e, além disso, pensar formas criativas e críticas de resolução no curto, médio e longo prazo de questões vivenciadas pelos sujeitos no decorrer de sua vida cotidiana.

Além disso, centralizar essa aproximação em uma palavra que atravessa o dia-a-dia geral da população, independente do grupo social, tem um valor imensurável. Debater com a pessoa que está dialogando sobre os sentidos do amor, seja em experiências passadas ou na sua instrumentalização cotidiana para transformação da realidade, é de imensa importância, pois democratiza o acesso a debates profundos existenciais e emancipatórios, evitando jargões acadêmicos de complexidade elevada, que possuem uma importância inestimável, mas que podem vir a dificultar sua inserção no contexto profissional, seja de psicólogos ou de educadores. Pensar e falar sobre amor partindo de uma posição crítica agrega diversos cenários possíveis de atuação profissional no campo das ciências humanas, trazendo afeto e crítica para um mesmo diálogo e proposta de reflexão em diversas circunstâncias.

Pensar o amor não limita-se em seu potencial de compreender as dinâmicas psíquicas, nem em sua ferramenta de emancipação a partir do diálogo entre os sujeitos a partir de sua condição na qual estão inseridos na estrutura social, mas em um conjunto de fenômenos que proporciona um prisma complexo, crítico e afetuoso. Descontextualizar e ignorar o que o outro campo contribui para a compreensão da realidade é diretamente negar a possibilidade de uma intervenção de instrumentalização profissional mais capacitada para compreender e intervir no cotidiano. Cria-se portanto um núcleo conjunto de grande interesse, de análise e diagnóstico da realidade e de intervenção possíveis, ambos partindo do ato e da miríade de possibilidades de conceitualizar e trabalhar em torno do conceito de amor. Pensar o amor é, portanto, pensar nas diversas significações possíveis que coexistem na realidade comum.

Considerações finais

O presente trabalho pretendeu debater, ao analisar como o conceito amor é apresentado e instrumentalizado na obra de Donald W. Winnicott, no campo da Psicanálise, e de bell hooks, no campo da Educação. Partindo dessa análise, é possível perceber como um diálogo transdisciplinar permite complexificar ambos os termos, trazendo contributos para ambos os

campos de conhecimento. Seja atribuindo uma maior complexidade acerca das funções psíquicas que o amor enquanto ato de afeto paternal atua na primeira infância e é refletido na vida adulta, ou de como o conceito de amor pode ser apropriado enquanto forma de pensar um olhar crítico e emancipatório cotidiano a partir de atos de afeto, o contato entre ambos os sentidos sobre um mesmo termo torna-se de imensa importância ao conceber trabalhos com outras pessoas na realidade cotidiana.

Falar sobre amor torna acessível o debate acerca de diversos fenômenos complexos que atravessam o cotidiano populacional, reiterando a importância da abordagem de conceitos que permitam abrir um grande escopo de realidades possíveis para a discussão e compreensão de vivências do dia-a-dia. Os contatos possíveis entre Psicanálise, Psicologia e Educação não precisam se resumir sobre melhorias de aprendizagem, podendo se auxiliar em uma compreensão mais profunda da realidade a partir da transdisciplinaridade.

Incentivam-se, partindo da premissa aqui disposta, mais trabalhos que disponham o debate de pontos comuns da Psicanálise e da Psicologia com outras áreas do conhecimento, permitindo maior aprofundamento de conceitos instrumentalizáveis tanto no próprio campo quanto em outros. Seja a partir dos contatos previamente citados no presente estudo que já estabelecem importantes pontes entre os processos psicológicos e os educacionais, ou da centralização de debates em torno de um conceito teórico comum como disposto na presente reflexão, tornam-se emergenciais os diálogos entre as áreas da Psicanálise, da Psicologia e da Educação na sua totalidade, movidos pela crítica e pela criatividade. A abertura para outras formas de percepção e leitura da realidade é indispensável para o trabalho enquanto psicólogo, necessitando exatamente esse olhar Outro para poder realizar-se enquanto compreensão do sujeito em sua complexidade biopsicossocial.

Referências bibliográficas

ADAMS, Will W. Love, open awareness, and authenticity: A conversation with William Blake and DW Winnicott. *Journal of Humanistic Psychology*, v. 46, n. 1, p. 9-35, 2006.

ALMEIDA, Denise Mesquita de Melo; GÉLLER, Léa. Psicologia e educação: transdisciplinaridade na construção do atendimento educacional especializado de Caarapó-MS. *Revista on line de Política e Gestão Educacional*, 2018, 22.2: 856-871.

BARBIERI, Valéria; UJIKAWA, Mirtes Ione; MISHIMA, Fernanda Kimie Tavares. O amor e o ódio no brincar da criança com encoprese. *Tempo psicanalítico*, v. 43, n. 2, p. 321-337, 2011.

Copyright © 2022. Associação dos Psicólogos da Região do Bolsão-MS
ISSN – 2764-4529

DIAS, Elsa Oliveira. Winnicott: agressividade e teoria do amadurecimento. *Natureza humana*, v. 2, n. 1, p. 9-48, 2000.

DOS SANTOS, Ana Verônica Freire Monteiro. AMOR E RESISTÊNCIA–BELL HOOKS E A ESCRITA DO AMOR. *Cadernos de Pesquisas Multidisciplinares sobre Corpo, Raça, Sexualidade e Gênero-CRSG*, v. 2, n. 1, p. 64-76, 2020.

ELIAS, Norbert; SCOTSON, John L. *Os Estabelecidos e os Outsiders*: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000.

FANON, Frantz. *Pele Negra, Máscaras Brancas*. São Paulo: Ubu Editora, 2020.

GLASS, Kathy. Love matters: bell hooks on political resistance and change. In: DAVIDSON, Maria del Guadalupe; YANCY, George (orgs.). *Critical perspectives on bell hooks*. New York, NY: Routledge, 2009.

GODDEN, Naomi Joy. The love ethic: A radical theory for social work practice. *Australian Social Work*, v. 70, n. 4, p. 405-416, 2017.

GUILLÉN, Julio C.; DUPUIS-GAUTHIER, Catherine. Le symptôme dans la psychothérapie d'un enfant dysphasique: analyse de sa fonction dynamique dans une perspective psychanalytique. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, 2012, 15: 240-250.

HOOKS, Bell. *All about love: New visions*. Harper Perennial, 2001.

HOOKS, Bell. *Ensinando a transgredir*: a educação como prática da liberdade**.** São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013.

LEJARRAGA, Ana Lila. Freud e Winnicott: do apaixonamento à capacidade de amar. *Pulsional rev. psicanál*, p. 42-49, 2003.

MARTINEZ, Silvia AOC; FERREIRA, Amauri C. Hermenêutica simbólica, Jung e transdiciplinariedade: luzes e sombras na educação. *Psicologia USP*, 2021, 32.

METCALFE, Andrew; GAME, Ann. Potential space and love. *Emotion, Space and Society*, v. 1, n. 1, p. 18-21, 2008.

MONAHAN, Michael J. Emancipatory Affect: bell hooks on Love and Liberation. *The CLR James Journal*, v. 17, n. 1, p. 102-111, 2011.

NICOLESCU, Basarab. *O Manifesto da Transdisciplinaridade*. TRIOM, 2018.

RADINA, Rachel. bell hooks: Radical love personified. *The Currere Exchange Journal*, v. 6, n. 1, p. 103-106, 2022.

REYGADAS, Luis. Las redes de la desigualdad: un enfoque multidimensional. *Política y cultura*, 2004, 22: 7-25.

WINNICOTT, Donald Woods. *Bebês e suas mães*. Ubu Editora, 2020a.

WINNICOTT, Donald Woods. Ego distortion in terms of true and false self. In: *The Person Who Is Me*. Routledge, 2018. p. 7-22.

WINNICOTT, Donals Woods. *Processos de amadurecimento e ambiente facilitador*: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional. Ubu Editora, 2022.

WINNICOTT, Donald Woods. *O brincar e a realidade*. Ubu Editora, 2020b.

WINNICOTT, Donald Woods. The theory of the parent-infant relationship. *Essential papers on object relations*, 1986, 233-253.

ZACARIAS, Laysi da Silva. *Amefricanizando o amor*: diálogos entre bell hooks e Lélia Gonzalez. 2021. 148 f., il. Dissertação (Mestrado em Direitos Humanos e Cidadania)—Universidade de Brasília, Brasília, 2021.

Recebido em 17 de junho de 2022
Aceito em 20 de setembro de 2022

Este artigo está licenciado sob a licença: Creative Commons Attribution-NonCommercial 4.0 International License. Ao submeter o manuscrito o autor está ciente de que os direitos de autor passam para a Revista Psicologia e Transdisciplinaridade.